



O poder das pontas

Não nos vamos referir às configurações electrónicas, que apoiam o conhecimento científico e tecnológico do comportamento dos dieléctricos de alta tensão e estamos, portanto, muito longe dos *cuidados dos investigadores da electrostática do século passado*, que (no dizer do prof. H. Duarte-Ramos) *tão bem os expressaram no tradicional «poder das pontas»*.

Neste editorial aborda-se um tema totalmente diferente, que respeita o potencial socialmente negativo, cuja energia é rigorosamente perdida, porque se não transforma em nada e apenas dissipa valores significativos do património comum das sociedades humanas, sempre custoso de arrecadar.

Trata-se do inexorável e misterioso *poder*, criado por estas mesmas sociedades humanas, provindo do somatório das solicitações do mercado para consumos que (durante determinado período) atingem valores máximos. Estas «pontas» temporárias são responsáveis por pesado encargo da vida comunitária; em dois ramos de actividade, nomeadamente na energia e nos transportes, a agudeza do seu poder tem efeitos notoriamente negativos e onerosos.

No que respeita à economia, ao bem-estar material e à comodidade social, cremos ser conceito incontroverso de que as civilizações se orientam e desenvolvem na filosofia de aumentar — no limite do possível — a rendibilidade das actividades humanas. Não é difícil deduzir, da evolução gigantesca da investigação científica e tecnológica da modernidade, que o aproveitamento máximo do que se concebeu e realizou está na aspiração determinante da evolução desejada pela humanidade civilizada.

Neste sentido de compreensão universal não é difícil sintetizar factos e pensamentos conducentes ao progresso da economia e da acessibilidade dos homens a bens e serviços que os servem.

É evidente que esta síntese objectiva não contempla os infinitos factores negativos que pressionam desgraças e retrocessos que as civilizações vão sempre sofrendo ao longo da História. São aqueles os efeitos da incontestável imperfeição humana, anátema persistente e calamitosamente revelado na vida em sociedade.

À parte esta projecção permanente das «forças do atraso» que incapacitam a humanidade de atingir ao longo do tempo o absoluto da sua perfeição na Terra, inte-

grou-se nas civilizações modernas, talvez por instinto (mas sem fundamento racional), ou por extensão mal interpretada dos fenómenos socioeconómicos ou, ainda, por influência irremovível de hábitos conservadores, a generalizada simpatia por convenções sociais que são pesadamente gravosas da vivência comunitária.

Situam-se entre estas as vocações das sociedades humanas para disciplinarem e uniformizarem o horário comum, para seus hábitos e labores, estendido sistematicamente, em plano horizontal, às actividades afins em cada aglomerado populacional.

Tem sido, com efeito, significativamente prejudicial para o processo do desenvolvimento socioeconómico aquela aptidão dispendiosa, entranhadamente inveterada nas características e opções das sociedades modernas, de cadenciarem actividades ou labores por modelos uniformemente disciplinados em classes ou profissões similares.

Não parece que o sistema tenha socialmente explicação lógica; mas tem sido e será sempre assim enquanto existirem sociedades humanas, serviços, artes e ofícios... Não nos parece fácil encontrar vantagens reais, para os grupos sociais, da simultaneidade de horários entre os parceiros do mesmo ramo activo explorado por empreendimentos diversos.

Por outro lado, a diversidade de horários constitui valioso factor de economia porque implica menor incidência da *energia reactiva* do «poder das pontas».

Em nosso entendimento, o maior interesse social situa-se nos domínios da liberdade de escolha, sem qualquer tabelamento compulsivo ou orientado. Em cada grupo de ocupações afins, salvaguardados os princípios e as regras aplicáveis entre os parceiros sociais da mesma unidade activa, deveria ser completamente libertada, e até estimulada, a opção pelo horário por si praticado unitariamente.

A simultaneidade da «procura», nomeadamente para os serviços de transportes e de energia (em boa medida, por efeito da disciplina dos horários de grupo) implica que as utilizações de bens estruturais se afastem gravosa e exageradamente dos limites idealmente possíveis.

O «poder das pontas» estendido a grande número de actividades do Mundo integra encargo muito pesado para o desenvolvimento das sociedades modernas.

F. do A.